

A escritura encarnada na criação de conhecimento científico-acadêmico: notas sobre experiências

Carlos Henrique de Lucas*
Clebemilton Gomes do Nascimento**

Resumo

Este ensaio discute a escritura encarnada como prática de criação de conhecimento científico-acadêmico, propondo-a como uma forma de escrita que transcende a mera transmissão de informações. O texto investiga o papel da escritura encarnada na reconciliação entre elementos tradicionalmente vistos como opostos, como sujeito e objeto, razão e emoção, objetividade e subjetividade. Para tanto, recorreremos aos saberes da experiência com docência e pesquisas para tecer compreensões acerca de uma proposta encarnada de escrita acadêmica. Além de descrever o conceito, o ensaio tem como objetivo destacar os desafios e as possibilidades dessa abordagem na formação de professores-pesquisadores e na criação de saberes comprometidos eticamente e politicamente. O texto também reflete sobre o impacto formativo da escritura encarnada na produção de conhecimento e a importância de resgatar a escrita da zona do medo e da insegurança.

Palavras-chave: escrita acadêmica; conhecimento científico acadêmico; pesquisa encarnada.

* Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB) / Universidade Federal da Bahia (UFBA), Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais (PPGCHS/UFOB), ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8771-9349>.

** Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Doutor em Difusão do Conhecimento (UFBA), Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias da Linguagens (PPGTEL /UNEB), ORCID <https://orcid.org/0000-0002-5252-9585>

The Embodied Writing in the Creation of Scientific-Academic Knowledge: Notes on Experiences

Abstract

This essay discusses embodied writing as a practice for creating scientific and academic knowledge, proposing it as a form of writing that transcends the mere transmission of information. The text explores the role of embodied writing in reconciling traditionally opposing elements, such as subject and object, reason and emotion, objectivity and subjectivity. In addition to describing the concept, the essay aims to highlight the challenges and possibilities of this approach in the training of teacher-researchers and the creation of ethically and politically committed knowledge. The text also reflects on the formative impact of embodied writing on knowledge production and the importance of rescuing writing from the zone of fear and insecurity.

Key words: academic writing; scientific academic knowledge; embodied research.

Recebido em: 16/03/2024 / Aceito em 23/09/2024

De início, gostaríamos de fazer saber às pessoas leitoras que os apontamentos que compõem este texto nasceram das nossas experiências com a escritura acadêmica, seja orientando estudantes no cotidiano da docência no ensino superior seja, principalmente, pesquisando e, ao mesmo tempo, criando o que temos nomeado “conhecimento científico-acadêmico encarnado” em trabalhos anteriores¹. Durante a realização do referido estudo, pudemos abordar o conceito de pessoa Pesquisadora Encarnada² ou Pesquisa Encarnada, que concerne a uma experimentação ética, estética, teórico-metodológica e epistemológica que se modela colaborativamente.

Neste ensaio, assumimos uma abordagem dialética em que o conceito de escritura encarnada se manifesta pela articulação entre teoria e experiência, priorizando uma argumentação que tece esses elementos de forma interdependente. Optamos por subverter algumas normas da escrita acadêmica tradicional, que muitas vezes limitam a reflexão criativa, sem, contudo, renunciar a uma estrutura interna coerente. A subversão aqui proposta não é desordem; ao contrário, ela carrega uma lógica própria que busca equilibrar o fluxo do pensamento com o rigor exigido. Essa estratégia metodológica não se propõe a apenas informar, mas a produzir sentidos conjuntamente com quem lê, convidando à reflexão sobre os limites da objetividade e o potencial de uma escrita que se encarna. Ao longo do texto, essa metodologia será evidenciada como parte do compromisso ético e estético de criação de conhecimento que pulsa com e a partir da vida.

¹ Cf.: Nascimento (2021; 2023); Lucas Lima (2017); Lucas Lima, Nascimento e Fernandes (2019).

² Para maior aprofundamento sobre a Pesquisa Encarnada, convidamos o leitor a conhecer algumas produções sobre o tema. Cf.: Messeder e Nascimento (2020); Messeder (2020a, 2020b); Nascimento (2020, 2021, 2023).

Feita essa contextualização, este ensaio compreende um esforço de investimento teórico-analítico sobre os desafios e possibilidades de modelagem de escrita que estamos denominando “escritura encarnada” na criação de conhecimento científico-acadêmico. O texto se estrutura da seguinte forma: na primeira parte, contextualizamos a escritura encarnada na emergência da perspectiva da pessoa Pesquisadora Encarnada e em trabalho prévio em que nos debruçamos sobre a gestão de conhecimento científico-acadêmico nos grupos de pesquisas em gênero, sexualidade e *queer* na Bahia na última década (Nascimento, 2021; 2023).

Na seção seguinte, nos arriscamos a esboçar algumas pistas da escritura encarnada cartografadas nos saberes dessa experiência e que, aqui, seguem como apontamentos de um diário rasurável, talvez pós-estrutural. Para tanto, nos dedicamos a tecer notas introdutórias e fazer conexões, ainda que precárias, porém reconhecidamente necessárias, como um investimento teórico-experiencial no sentido de contribuir para a construção do seu estatuto teórico-epistemológico. Por fim, finalizamos destacando o potencial formativo da escritura encarnada na formação de pessoas professoras-pesquisadoras, bem como os desdobramentos necessários para o aprofundamento da problemática em futuros investimentos tanto teóricos quanto práticos.

Tremores e vibrações da/na escrita acadêmica: notas iniciais

O destino da palavra é se desintegrar quando chega a tocar o que é mais sólido do que ela: a carne. Ao se

desintegrar como se desintegra cada signo apenas cumpre sua incumbência, isto é, ao mostrar aquilo a que se dirige. Porém, de novo, a palavra, felizmente, é mais do que um signo: é uma força viva que se desfaz quando alcança a matéria que há de lhe dar nova forma. *A palavra se encarna, seu destino é encarnar-se.* (Larrosa, 2016, p. 113, grifos nosso)

Para compreender a escritura encarnada e seu saber fazer na produção de conhecimento científico-acadêmico é necessário adentrar não somente nos caminhos de pesquisa abertos pela *pesquisa encarnada*, como também suas encruzilhadas e labirintos. A denominação “escritura encarnada” emerge de uma experiência coletiva de criação de si na/pela língua(gem) no fazer acadêmico. E por “coletivo” nos referimos, de maneira particular, às experiências formativas no interior dos grupos de pesquisa que compomos e, ainda, às inúmeras textualidades culturais que temos criado de maneira colaborativa ao longo dos anos em que nos dedicamos à pesquisa, à extensão e ao ensino universitário. Foram esses os contextos que nos permitiram, à época, e, agora, formular o conceito e ampliá-lo consideravelmente, posto que, como o conceito mesmo de escritura encarnada propõe, a dimensão colaborativa e plural é dele indissociável.

A escritura é compreendida por nós como uma dimensão estruturante da pesquisa encarnada. Nós entendemos que a pessoa pesquisadora se encarna na escrita, tal como nos admoesta Jorge Larossa (2016) na epígrafe desta seção. Aliás, como parte constitutiva do trabalho da pessoa pesquisadora, a escritura se impõe, muito provavelmente, como o ponto de problematização de maior complexidade para nós na constituição dos princípios e diretrizes³ que circunscrevem a perspectiva da pesquisa

3 Suely Messeder a partir das vivências e experimentações com a pesquisa encarnada no âmbito do grupo Enlace enumera alguns princípios fundamentais à prática investigativa encarnada. A saber: 1) consentimento; 2) presença; 3) colaboração; 4)

encarnada. Interessa-nos pensar sobre o que é a *escritura encarnada*, isto é, uma preocupação conceitual, mas também, epistemo-metodológica, portanto, processual que diz respeito ao seu saber-fazer.

Interessa-nos, ainda, tensionar a escrita acadêmica, seus limites e possibilidades. Em outras palavras, estamos enredados em complexos processos de subjetivação na/pela escrita (Lima; Fernandes; Nascimento, 2019) e buscamos, no dizer de Larossa (2016), colocar juntas as palavras e as coisas, o sentido e a experiência, a linguagem e o mundo, ou seja, nos colocando enquanto pessoas pesquisadoras, nos interstícios entre o real e a linguagem, mesmo que saibamos que o dito “real” não pode, em absoluto, ser acessado sem a mediação, sempre decisiva, da língua(gem).

Antes de avançar nos apontamentos que problematizam a escritura encarnada, acreditamos que é chegado o momento de apresentar à pessoa leitora com mais precisão a perspectiva da pessoa Pesquisadora Encarnada em suas dimensões constitutivas. Para além de uma mera ferramenta metodológica e instrumental teórico, a pessoa Pesquisadora Encarnada se caracteriza pelo movimento (e não é à toa o uso dessa palavra aqui) que ela cria ao assumir o compromisso e os desafios da inter/trans/multidisciplinaridade. Fazendo uma aproximação com a polilógica de Dante Galeffi (2014), podemos pensar a pesquisa encarnada a partir de um movimento polilógico, que se descola de uma razão monológica e desencarnada para se inscrever na multiplicidade, diversidade e complexidade, se beneficiando de uma ambiência institucional que vem favorecendo o seu florescimento⁴. Nesse sentido, esse modo

compromisso; 5) ancestralidade; 6) afetações; 7) potências; 8) movimento de aliança; 9) reconhecimento e 10) redistribuição. (Messeder, 2020).

4 Aqui nós referimos não somente à Universidade do Estado da Bahia como também aos programas de pós-graduação em Crítica cultural (UNEB) e ao Programa de Pós-Graduação Multi-institucional e multidisciplinar em Difusão do Conhecimento

de produzir conhecimento passou a ganhar uma modelagem “própria e apropriada”⁵, é dizer, um conceito que se efetiva nos deslocamentos, “nas redes de coalizão, uma construção conceitual que se concretiza em conexões e alianças, bem como na possibilidade de caminhar na utopia da ciência colaborativa acompanhada pela ética do cuidado” (Messeder, 2020a, p. 68).

Convém ressaltar que, na perspectiva encarnada, a pessoa pesquisadora realiza um trabalho de criação com as memórias, experiências e acontecimentos por meio de conexões entre os planos pessoal, profissional e político. A pesquisa encarnada é, portanto, da ordem da experiência. O ato de conhecer atravessa, e é isso que defendemos aqui, a experiência como acontecimento de aprendizagem, uma aprendizagem que se faz *com e no* corpo e não por mera adesão teórica, e que opera no limite entre a memória e o esquecimento, através de um mergulho no auto e *cartobiográfico* que é sempre fraturado e inevitável, articulando a memória pessoal e histórica, e, principalmente, acionando a memória inventiva⁶ que é da ordem do desejo e dos afetos. Tal ato se projeta para o futuro, cujos horizontes promovem uma *ética partilhada*, como propõe Dante Galeffi (2020), uma estética da existência e um cuidado de si (Foucault, 2009; 2010), tomando a cultura como espaço de corporeidades e memória ancestral (Oliveira, 2020).

A pessoa Pesquisadora Encarnada é uma aposta que cada uma de nós vai preenchendo de sentidos, mas que precisa ter um

(PPGDC - UNEB/UFBA/SENAI-CIMATEC/IFBA), Pós Cultura (UFBA), etc.. Pensamos, ainda, que alguns programas de pós-graduação interdisciplinares, notadamente no estado da Bahia, têm mobilizado em seus fazeres certas perspectivas polilógicas.

5 A ideia do próprio e apropriado vem de Dante Galeffi (2014). Para esse autor, o mundo vivido deflagra a ideia do “próprio e apropriado”, ou seja, um caminho e, também uma atitude filosófica, ética e estética.

6 Toda a memória, assim entendemos, é, sempre, inventiva, posto que inaugura um mundo cuja referência perdida ficou no passado. A memória como inventividade, coisa essa presente na escritura - prática da pessoa pesquisadora encarnada, possui a potência para profetizar, por meio da palavra fundante, futuros. Talvez em escrituras vindouras possamos desenvolver melhor essa ideia.

plano comum, é dizer, torna-se indispensável a construção de um território de conexões, alianças e compromissos: *não há pesquisa encarnada sem comprometimento ético e político*. O gesto de encarnar-se é um movimento aprendente que não acontece como um jogo banal de palavras, um mero acidente de escrita, mas se move nessa tensão permanente. Acima de tudo, se coloca em um entrelugar, em uma zona de subversão e insurgência, que, do ponto de vista do estabelecimento da ciência, não foi colocado como algo legítimo, e sim como margem.

Dito isso, a perspectiva da Pesquisa Encarnada e os saberes da experiência que dela emergem têm na linguagem seus sentidos e sua potência política. Como bem coloca Macedo (2015):

Os saberes da experiência resultam do *vivido pensado*. Acrescente-se, que a compreensão da experiência só se fará por atos de compartilhamento de sentidos e significados. Tendo como fonte fulcral a *vivência* singular dos sujeitos na emergência existencial e sociocultural, a experiência se estrutura como um denso e complexo processo de subjetivação de tudo que nos acontece, que nos passa, mediado por desejos, escolhas e intenções, conscientes ou não, lúcidas ou erráticas, plasmados num certo tempo, mas, também tocada pela impermanência. (Macedo, 2015 p.19, grifos do autor).

Ao perseguir a perspectiva da pesquisa encarnada não há como dissociar a dimensão ontológica da epistemológica e, conseqüentemente, da orientação metodológica. Estamos diante de uma modelagem e não de um modelo metodológico cujo caminho é reto. Suas rotas e pontos de fuga promovem, mobilizam e orientam escolhas metodológicas “próprias e apropriadas” como bem lembra Dante Galeffi. Isso significa dizer que esse movimento se compõe de gestos e tomadas de posição com várias cores, cortes, emendas, texturas, rasuras,

infinitas gradações e tons de encarnado que se transmutam, escapam, recuam, avançam. A Pesquisa Encarnada se faz na emergência do ser-sendo, da vida-viva e na criação de conhecimento científico-acadêmico, um inconformismo que teima em se ajustar. O exercício dessa tarefa produz um *ethos* inquieto de pessoa pesquisadora preocupada com as práticas e como nos constituímos como sujeitos do saber, o que fazemos e como fazemos do/com o(s) saber(es).

A pesquisa encarnada acontece no esforço desejante de produção de um saber-fazer outro, dos riscos que a curiosidade impulsiona nessa via da experimentação, do desafio mesmo que paira no intermédio entre o novo e o dado, o pronto e o inacabado. O dispositivo cartográfico próprio do conhecimento produzido pela pesquisa encarnada é da ordem da de(s)colonização, sua tessitura é inevitavelmente situada, ética, estética e, principalmente, política. Trata-se de de(s)colonizar a forma mesma de produzir conhecimento porque entendemos que:

[...] nossos projetos são cartografias, mapeamentos móveis que se fazem no momento mesmo do movimento, rumo ao desconhecido, porque é insuficiente, e por que não dizer, arrogante, (apenas) elaborar respostas (definitivas) para problemas. A abertura para esse incógnito não significa caminhar vendado sobre uma corda ligando montanhas, mas estabelecer estratégias para que tal ligação entre esses dois blocos possa ser estabelecida. Nossos projetos precisam incluir o desejo de criar e a rebeldia para contestar aquilo que está assentado. Para mover as terras endurecidas pela falta de água. Para revolver o terreno. (Lima; Fernandes, Nascimento, 2019, p. 10).

Diante disso, parece ficar evidenciada a centralidade da escritura nesse saber-fazer que se materializa nos encarnes. *Encarnes* são gestos de encarnação da pessoa pesquisadora,

marcando o movimento de inauguração da Pessoa Pesquisadora Encarnada. Com isso, estamos reconhecendo a perspectiva encarnada não como uma dimensão meramente identitária (não estamos a propor aqui que nos *identifiquemos* com uma posição de identidade - “pessoa pesquisadora encarnada”), tampouco estamos reduzindo tal perspectiva à escolha de um tema de pesquisa, mas sim estamos relacionando-a aos processos de subjetivação, bem como às insurreições, tanto no plano micro quanto macropolítico, mobilizadas pelas dimensões ontológica, epistemológica e política.

A pesquisa encarnada, nesse sentido, não *produz* uma pessoa pesquisadora encarnada, é dizer, *identitariamente* formulada no interior desse movimento e disponível para identificação de outras pessoas *a posteriori*. Isso, quem sabe, até possa ocorrer. Mas o que estamos a argumentar aqui guarda relação com a compreensão de que a pesquisa encarnada, e notadamente nos temas-objeto de trabalho anterior nossos⁷, está intrinsecamente ligada às formas por meio das quais nos tornamos pessoas, ou seja, nos tornamos humanos.

Em síntese, do *saber-fazer* da pessoa Pesquisadora encarnada abriram-se os caminhos e as encruzilhadas para um *saber-dizer*, isto é, a escritura encarnada. Ou seja, pesquise-se para que seja possível dizer-se algo. A encarnação da vida na pesquisa nos permite enunciar desde um ponto de vista igualmente encarnado. Há toda uma indagação quanto às formas como a pessoa pesquisadora pode se encarnar na escrita. O horizonte mais pragmático que se desejava alcançar era, na verdade, a tentativa de escapar de um *modelo* de escrita pré-definido, sem saber como isso era possível. Ao se produzir uma escrita constrói-se, inevitavelmente, um percurso. E a

⁷ Cf.: Lucas Lima (2017), Nascimento (2020; 2021; 2023).

esse movimento poderíamos nomear *cartografia do existir*. No entanto, esse caminhar não é único, mas é sempre irrepetível, porque se cria a partir de condições de produção cujos contextos estão permeados pela subjetividade corpórea da pessoa pesquisadora e das circunstâncias históricas e políticas nas quais o conhecimento é elaborado.

É nesse sentido que a escrita se abre como criação reativa aos modelos e às políticas cognitivas vigentes. De que forma? Ora, no sentido da intempestividade da criação. Em nosso entender, toda a criação é, em si mesma, susto e arrepio na nuca diante do desconhecido. Isso nos leva à compreensão de que o caminho da escritura encarnada só será possível como experimentação, espaço-tempo de criação de contrapontos aos (terríveis) modelos de escrita acadêmica com suas normas e prescrições e que, agora, com a irrupção do *ChapGPT*, uma inteligência artificial que promete produzir - isso mesmo, *produzir*, e em série, textos sobre todos os assuntos imagináveis. Nesse aspecto, a criatividade é vista como uma das capacidades do trabalho de criação que não se dissocia do saber-do-corpo sob pena de tornar-se estéril e tão somente recompor o instituído.

Na senda do que afirmamos acima, é importante pensar o lugar do corpo racializado e afeminado como os lugares a partir dos quais os saberes sobre raça e gênero, por exemplo, se constituem. É dizer, não é possível pensar, em nosso sentir, em tais categorias senão por meio do corpo. O corpo seria, então, como uma tela na qual se inscreveriam os acontecimentos. E, da mesma forma, não há que se falar em pesquisa encarnada e em pessoa pesquisadora encarnada sem a mediação, sempre necessária, do corpo.

Na medida em que é compreendida como um processo de subjetivação, a escritura encarnada não cabe em formalizações reduzidas a modelos colonizados e canonizados, tampouco

encontra terreno fértil para o seu florescimento nos manuais que aprisionam a escrita em voz passiva. A escritura encarnada, por outro lado, pensada aqui, repetimos, como um vir a ser de subjetivação, tem a ver, por exemplo, com o emprego da primeira pessoa no texto. A pessoa sujeita emerge, assim, na escritura via a presença encarnada do pronome. Encarna-se, na palavra, o eu. O texto, ou melhor, a escritura precisa de passar pela manifestação da pessoa sujeita, pela voz que, mesmo não querendo constituir-se como um elemento fundante e primeiro, se imiscui na escritura e dá o seu nome.

Temos observado ao longo dos largos anos de docência em que atuamos no ensino superior as pessoas estudantes, da graduação ao doutoramento, com receios muitos de lançar mão da primeira pessoa. De meter-se no texto. De *escribirar-se*. É imperativo, nos parece, que a pesquisa se dê, e cada vez mais, de maneira encarnada e comprometida. Comprometida com a vida e seus contingenciamentos.

Nessa travessia, em nossa experiência para viver a pessoa Pesquisadora Encarnada em ebulição foi determinante duas orientações: acompanhar os processos e experimentar modelagens outras, próprias e apropriadas. Para tanto, foi decisivo ousar subverter a escrita acadêmica em alguma medida, sem com isso negá-la. Eis um jogo de negociação que visava garantir a nossa sobrevivência como pesquisadores e o reconhecimento da comunidade científica, ou seja, a existência acadêmico-científica da pessoa pesquisadora e do conhecimento produzido, que preferimos anotar “criado”.

Nessa experiência, ao nos assumirmos Pesquisadores Encarnados, tentamos nos anunciar sem deixar imprimir na escrita um certo subjetivismo que resvalasse para o sentimental e melódico ou para uma sofrência vitimista. Ao nos insurgirmos em alguns momentos contra o modelo de

escrita mais tradicional, percebemos que todo aquele esforço era, de certo modo, um desejo de alterar a política de produção de conhecimento dominante.

Antes de prosseguirmos, reiteramos o entendimento de que a escrita é uma forma de superação dos limites impostos por um modo de subjetividade e representação do conhecimento que nos impede muitas vezes de “ver”, especialmente com a carne, os processos de produção e difusão do conhecimento “científico”.

A escritura encarnada: caminhos e encruzilhadas

Escrita viva da vida, escrita “re(ex)sistência”⁸ (Lucas Lima, 2017), escrita blasfêmica, escrevivências. Vários são os modos de aproximação daquilo que estamos nomeando de “escrita encarnada”. Em outros estudos (Nascimento, 2021; 2023), argumentamos que o trabalho da pessoa pesquisadora compõe-se de gestos que vão desde a escolha do constructo de pesquisa e se estende por todo o processo de investigação, ou seja, vai desde a modelagem de um campo teórico-metodológico até a difusão do conhecimento produzido com vistas a contribuir com a mudança social e a segregação cognitiva.

Nessa perspectiva, a escritura, muito provavelmente, é o gesto mais encarnado da pessoa pesquisadora e não deve ser desqualificada como “simples” conduta, menor em forma e conteúdo, porque ela traduz via linguagem todo um processo investigativo, é aquilo que se oferece à pessoa leitora de forma generosa como contribuição e entrega. Se a escritura encarnada é um conceito? Pouco importa a essa altura, apostamos na força

⁸ Para muito além de uma ideia de “resistência”, bastante em voga ultimamente, notadamente nas redes sociais, o conceito de re(ex)sistência tem a ver não com uma reação, mas sim como uma ação. Não é resposta a, mas sim um existir insumisso que simplesmente se impõe. É.

crítica, política e no poder e na potência da linguagem. Arriscamos dizer que é um *contorno* no sentido apreendido por Gilles Deleuze e Félix Guattari), ou seja, “a configuração, a constelação de um acontecimento por vir que o corta e o recorta à sua maneira” (Deleuze e Guattari, 1992, p. 222). Nessa perspectiva, revela a grandeza de uma filosofia voltada para a natureza dos acontecimentos aos quais seus conceitos nos convocam.

Deleuze e Guattari entendem os conceitos como sendo “centros de vibrações”, cada um em si mesmo e uns em relação aos outros. É por isso que tudo ressoa, em vez de encadear-se ou de corresponder uns aos outros. Visto dessa forma, por vezes, necessitarão de uma nova palavra para serem designados ou se servirão de uma palavra ordinária que dará um sentido singular. Na nossa experiência que se anuncia encarnada de pesquisadores, encarnar na/pela escrita se constitui um atravessamento inevitável na medida em que fomos sendo afetados também nas conversas encarnadas com as pessoas pesquisadoras líderes dos grupos de pesquisa em gênero, sexualidade e *queer* e interlocutores com os quais dialogamos em trabalho anterior. (Nascimento, 2021)

Viver o pesquisador encarnado em rotação nos fez compreender que se trata de uma construção própria, porém apropriada de múltiplas experiências de escrituração de si, das insurgências, urgências (De Lucas, Rocha e Alós, 2020), acontecimentos e afetos com os quais fomos atravessados ao longo de nossas trajetórias de investigação/escrituração. Na escrita encarnada forjada nesse movimento, forma e conteúdo, sujeito e objeto, objetividade e subjetividade, razão e emoção precisavam se reconciliar porque era um modo de existência científica. A escritura encarnada, nesse contexto, é a linguagem fazendo sentido e promovendo a representação do conhecimento.

Eliane Brum (2017) afirma que a escrita para ela “é o outro corpo que habito”. Assim, parafraseando Brum, a escrita é da mesma forma, o outro corpo que a pessoa Pesquisadora Encarnada habita, um corpo de palavras que permite sustentar uma vida, uma existência ou um conjunto de existências, no mínimo três, a ontológica, epistêmica e a científica.

A nossa vivência e experiência nos campos dos estudos de gênero e sexualidades e das epistemologias feministas e *queer* muito nos ajuda a pensar a nossa compreensão de pesquisa encarnada. Toda essa contribuição é definitiva para modelar a escrita encarnada. A escritura encarnada, assim, ganha um sentido transversal e transdisciplinar na medida em que se faz nos afetos e nas afetações que marcam um conhecimento criado nas fronteiras das diferentes áreas do conhecimento, promovendo rasuras e fraturas no individualismo que produz a autoridade da pessoa pesquisadora e sua pretensa autoria soberana.

Não acreditamos em um manual para uma escritura encarnada *a priori*, anunciada *de per si*, sem ligação com a dimensão coletiva e com as outras dimensões da pesquisa. A partir do momento que nos implicamos na pesquisa, que nela nos encarnamos, o caminho da escritura encarnada é inevitável, porque ela se faz com sangue, vísceras e vida, e durante todo o processo. Como destaca Roland Barthes (2004), as palavras funcionam como projeções, vibrações, explosões que fazem fecundo o saber. A escrita, e sua escrituração, é um gesto encarnado de re(ex)istência, vital e visceral na sua racionalidade indisciplinada, um fazer contínuo, um gesto político-orgânico que deseja entrar em sintonia com a convocação de Gloria Anzaldúa:

Escrevam com seus olhos como pintoras, com seus ouvidos como músicas, com seus pés como dançarinas. Vocês são profetisas com penas e tochas. Escrevam

com suas línguas de fogo. Não deixem que a caneta lhes afugente de vocês mesmas. Não deixem a tinta coagular em suas canetas. Não deixem o censor apagar as centelhas, nem amordaçar suas vozes. Ponham suas tripas no papel. (Anzaldúa, 2000, p. 235)

É, portanto, um gesto movido por um desejo de “querer dizer” que mobiliza uma necessidade de “saber dizer” e, conseqüentemente, “saber escrever”, um modo de dizer as coisas para o mundo que se sintoniza com a ideia de uma “escrita ciborgue”. Conforme destaca Donna Haraway (2009), refere-se ao poder de sobreviver, sem a inocência original, mas na tomada de posse dos mesmos instrumentos usados para marcar o mundo e que, por sua vez, marcou as outras formas de poder, além de apontar a saída para a cilada da linguagem comum e permitir aquilo que ela denominou de “poderosa e herética heteroglossia.”

Uma escritura encarnada é, também, uma forma de estética da existência. Isto é, uma atitude que, como bem coloca Corazza (2007, p.126) “ao rachar, fissurar e fraturar os ferrolhos da modernidade, faz, com paixão, também da prática de investigar uma nova arte de viver”. Trata-se, portanto, de uma prática e criação investigativa que não expulsa, de modo algum, os nossos processos de subjetivação. Nesse sentido, coloca em sintonia, de um lado, um movimento de análise (processo), ou seja, a criação do conhecimento e, do outro, de síntese (criação), a linguagem e seus modos de apresentação e representação do conhecimento. É um movimento que se pretende libertador, emancipatório, por vezes até terapêutico, no sentido mais amplificado da palavra, sem com isso deslizar em um subjetivismo arriscado, sem rigor científico, mas lançando mão de *um rigor outro*, conforme propõe Dante Galeffi (2009). E mesmo porque, em nosso entender, o que se nomeia “ciência” é, desde sempre, uma invenção, que,

igual que o nosso “rigor outro”, é parte de um empreendimento subjetivista, porquanto patrocinado pelo(a) sujeito(a), muito embora seja ela, a ciência, enroupada com vestes belas, as vestes da objetividade.

A escritura encarnada possibilita a dinâmica de compreensão e intervenção na realidade, para todos os fins práticos, “mostra-se em toda sua exuberância, transbordamentos e derivas, permitindo ao pesquisador com-versar inter criticamente com essas narrativas e seus ‘etnométodos’.” (Macedo, 2018, p. 93). Nesse entendimento, a pessoa pesquisadora se encarna no desejo e urgência de produzir um diálogo em profundidade, um exercício demasiadamente comprometido com o conhecimento que cria, seja eticamente, afetivamente e institucionalmente. Escrever de modo encarnado é, principalmente, um ato de afirmação de compromisso ancestral. Nesse aspecto, dialoga também com a ideia de uma “escrevivência” (Evaristo, 1996). E isso talvez porque não escrevamos, ou melhor, não nos encarnemos no corpo da escritura de maneira solitária: estamos, todas nós, no fluxo discursivo que nos antecede e informa, criando-nos pessoa pesquisadora. E daí a relevância da argumentação de Foucault (2007) quando afirma que nos inserimos em uma ordem prévia de discursos, a qual não é por nós inaugurada, mas sim continuada... A escritura encarnada, então, funcionaria, e nos perdoem o jogo de palavras, de modo a nos (*re*)encarnar no corpo dos discursos, retomados, em um processo citacional, em um jogo de subjetivação que não tem fim, já que a criação não é produto acabado, findo, pronto.

É preciso dizer, ainda, que a escritura dá corpo ao poder da enunciação, com um significado especial para os povos colonizados, posto que a inauguração de um endereço de

enunciação, é dizer, o poder epistêmico que legitima uma outra forma de conhecer marcada pela redescoberta da ontologia e pelo compromisso com a transformação social e toda sorte de implicações políticas do conhecimento, estão envolvidos nesse movimento. Mesmo assim, pensamos que se trata menos da inauguração de uma comunicabilidade, de um falar legitimado, e sim de um falar que não aspira a se tornar inteligível, mas criar uma inteligibilidade, uma legibilidade outra talvez. Paco Vidarte, teórico e ativista espanhol, nos diz:

Que renunciem [os heterossexuais] a nos compreender. A obsessão pela identidade, por nos encher de sentido, por nos transformar em capital teórico é uma exigência que parte deles. Não temos por que traduzir [o que falamos] a sua linguagem, para que se inteirem sobre o que fazemos ou deixamos de fazer, nem porque fazemos tanto barulho. Falamos sua linguagem perfeitamente [a linguagem dos heterossexuais], eles nos ensinaram desde pequenos; mas somos bilíngues e temos um idioma próprio que, para eles, é incompreensível, bárbaro. Não há nada a ser explicado. Nós nos entendemos. E se traduzimos tudo a cada passo que damos, provavelmente parecerá ridículo, inconsistente, infundado. Não é nossa a tarefa de tradutores. (Vidarte, 2007, p. 70)

Esse excerto do texto de Paco Vidarte aponta para o que temos dito: a escritura encarnada não aspira ocupar um lugar de destaque nos marcos epistemológicos ocidentais. Há, ao contrário, um movimento de fazer surgir um espaço outro de significância, uma errância da escrita que se rebelde às gramáticas - os fazeres, modos, gêneros textuais - canonizados no panteão da sacralidade do Logos Ocidental.

Além disso, a escritura encarnada se caracteriza pela escuta. No entanto, é no diálogo que essa escuta precisa ser sensível para saber dizer, sem esperar esgotar as palavras,

pois a escritura encarnada se revela também na ausência de palavras. Sendo assim, escrever é o modo mais encarnado de criar existências, resistências e reinvenções, pois, como nos alerta Gloria Anzaldúa (2000, p. 235), “mesmo se estivermos famintas, não somos podres de experiências.” Assim, escriturar é como comer as palavras da outra, do outro, ou seja, como quem as devora, em silêncio, e as devolve potência, pura antropofagia, e escrituração da vida.

Em nossas experiências como pessoas docentes e pesquisadoras, o desejo de uma escritura encarnada aponta para a coexistência com uma formatação e normalização compulsórias das publicações acadêmicas, um conjunto de regras que muitas vezes acaba influenciando na nossa escrita e, conseqüentemente, afetando a criatividade, minorando-a, na medida em que impõe práticas que impedem, ou tentam impedir, certas ousadias e invenções.

Nesse ponto, a escritura encarnada é potencializada quando produzida no gerúndio, ou seja, em um lançar-se no abismo em cena aberta, um gesto mobilizado por uma urgência e uma emergência enunciativa, de não poder esperar pelo momento seguinte da trama científica programática e etapista. Vive-se a experiência de uma escrita no presente. Mesmo com uma pequena diferença de tempo, escreve-se sempre no momento mesmo onde se vive e se pensa. Não um escrito posterior, mas um escrito do momento (Hess, 2006), isto porque vive-se uma trama existencial e sociopolítica pulsante que exige um engajamento permanente e imediato com os fatos sociais e a urgência da vida vivível.

A aposta em uma escritura encarnada vem do reconhecimento de que há uma singularidade importante a ser percebida e valorizada em cada ser pensante que é apre(e)ndida durante o processo de escritura da pesquisa com a experiência.

Segundo Macedo é quando “a experiência se prepara para ser comunicada e viver uma certa tensão da *comversa-ação* e seus modos de criação” (Macedo, 2015, p. 101, grifo nosso), em um encontro partilhado com a narrativa da pessoa pesquisadora e as pessoas sujeitas participantes da pesquisa. Com isso, há que se enfatizar que relatar a experiência não é o mesmo que a experiência. Na escritura podemos fazer uma outra experiência, uma espécie de hermenêutica singular e singularizante, sem deixar de lançar mão de certo rigor, da ética e da responsabilidade, princípios que devem orientar toda e qualquer investigação.

A escrita encarnada é sempre o seu desejo: notas finais

Sem as certezas e garantias da escrita acadêmica canônica, a escritura encarnada será sempre um risco, uma aposta, uma experiência que deixa escapar lampejos de um *ethos* encarnado e inquieto da pessoa pesquisadora, mesmo sem ter sido. Assim sendo, dizer-se, no sentido de anunciar-se pessoa pesquisadora encarnada na sua escrita também encarnada não é o mesmo que realizar. Muito provavelmente, a escritura encarnada não precisa de ser anunciada, ela apenas *é*, um acontecimento ontológico, político, ético e, principalmente, epistemológico.

É uma utopia do possível, na medida em que evoca esse outro corpo encarnado, um corpo vivo, mas é também um corpo heterotópico, uma heterotopia no sentido proposto por Foucault (2013) e seu sonho de uma ciência outra, uma espécie de heterotopologia. Para Foucault, essa ciência teria como primeiro princípio a multiformidade e a inconstância. O segundo princípio da ciência heterotopológica partiria do entendimento de que toda

sociedade pode diluir e fazer desaparecer uma heterotopia que constituirá outrora, ou organizar-se em uma não existente ainda. Nesse sentido, será sempre um modo de resistência e re(ex) sistência epistêmica e científica, um reinventar-se permanente.

A escritura encarnada como uma modelagem estruturante e estruturada na/da pesquisa encarnada segue como potência singularizante do fazer-se pessoa pesquisadora na impertinência do ato pesquisante aprendente, em formação. É uma promessa pois não se fecha, não se emoldura, é aversa a clichês e acabamentos. Assim sendo, estará sempre comprometida com a produção e difusão de projetos, publicações, encontros, alianças e conexões voltados para o desenvolvimento humano, a justiça social e a promoção de vidas vivíveis.

Como devir, a escritura encarnada seguirá aspirando outras afetações para fora de seu círculo, do seu circuito interno originário criador para contornar e (re)compor inspirações outras. A escritura encarnada sendo um modo de decolonização da linguagem funda um trabalho de pensamento-criação que se materializa em ações, posicionamentos e produção de saberes localizados. Isso exigirá investimentos em múltiplas direções, a promover conexões encarnadas, alianças encarnadas e compromissos igualmente encarnados. Isso implica, principalmente, investir não só na qualidade dessas conexões e alianças, mas compreender e reconhecer suas ressonâncias em nós e no plano coletivo e comum dos afetos - e afetações - como um compromisso político e ético partilhado.

Ademais, a escritura encarnada precisa de mais problematização no que diz respeito, principalmente, ao seu papel formador tanto na área da pesquisa quanto na formação docente, na medida em que favorece o acompanhamento dos

processos formativos, promove o protagonismo e a autoria, os agenciamentos, a autonomia e a reflexão crítica das sujeitas envolvidas. Da mesma forma, irá se abrir para a compreensão dos processos de subjetivação e dessubjetivação de cada ser cognoscente pensante.

A formação docente pela/com pesquisa se beneficiará, assim defendemos, da escritura encarnada na medida em que irá inspirar outras possibilidades de modelagens epistemológicas, éticas e estéticas na criação e difusão de conhecimento. Há que se pensar em técnicas e modos de criar conhecimento que coloquem a escrita no centro dos processos formativos, um exercício que valoriza a criação e não a mera transmissão de conhecimento (como se conhecimento fosse *algo* a se transmitir e não, como temos defendido em nossas criações textuais, processos de criação de conhecimento...). Nessa direção, os centros de formação de professores e professoras em nossas universidades, especialmente nos cursos de licenciatura, têm muito a se beneficiar com esses investimentos.

Por fim, nós, pessoas professoras-pesquisadoras, precisamos nos comprometer com uma tarefa urgente que é de resgatar a escrita da zona do medo e da insegurança, de uma posição e condição inalcançáveis, de um saber restrito tão somente reservado a uma elite simbólica. Precisamos provocar em nossas pessoas estudantes movimentos de desaprendizagem e reaprendizagem, apropriando-nos e aproximando-nos da experiência escrevente radical. Ao tomar posse da escritura de um modo encarnado, certamente estaremos a contribuir para remover as (de)formações e amarras que a modernidade e sua filha diletta, a colonialidade, imprimiu em nós, em nossos corpos, em nosso sentir e em nossa escrita.

Referências

ANZALDÚA, G. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>. Acesso em: 20 mar. 2022.

BARTHES, R. *Aula*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

BRUM, Eliane. *Meus desacontecimentos; a história da minha vida com as palavras*. 2.ed. Porto Alegre: Arquipélago editorial, 2017.

CORAZZA, S. M. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, M. V.(org.). *Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina Ed., 2007. p. 103-127.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *O que é filosofia?* Tradução de Bento Jr. E Alberto Munoz, São Paulo: Editora 34, 1992.

LIMA, C. H, L. Linguagens pajubeyras: (re)existência cultural e subversão da heteronormatividade. Salvador: Ed. Devires, 2017.

DE LUCAS, C. H.; ROCHA, C. F.; ALÓS, A. P. Emergência e urgências dos ativismos de(s)coloniais: o ato “nosso luto, nossa luta” por Brumadinho (Minas Gerais). *REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, [S. l.], v. 37, n. 2, p. 65–85, 2020. DOI: 10.14295/remea.v0i0.11245. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/11245>. Acesso em: 5 set. 2023.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 2009. v. 3.

FOUCAULT, M. *O corpo utópico, as heterotopias*. (trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: n-1 edições, 2013.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

GALEFFI, D. A. O rigor nas pesquisas; uma abordagem fenomenológica em clave transdisciplinar. In: PIMENTEL, A. G.; GALEFFI, D. A. *Um rigor outro: a questão da qualidade da pesquisa qualitativa*. Salvador: EDUFBA, 2009.

HARAWAY, D. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: SILVA, T. T. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. 2. ed. edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 33-118.

HESS, Remi. Momento do diário e diário de momentos. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Mennna Barreto (orgs.). *Tempos narrativas e ficções: A invenção de si*. Porto Alegre: Edipuc-RS, 2006.

LAROSSA, J. *Tremores: escritos sobre a experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

LIMA, C. H. L.; NASCIMENTO, C. G.; FERNANDES, F. Estranhas telas de sentido: a escrita de si e do outro na/pela linguagem. *Scripta*, Pisa, v. 23, n. 48, p. 83-92, 2019.

Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/19785>. Acesso em: 20 de ago. 2022.

MACEDO, R. S. *Pesquisar a experiência: compreender/mediar saberes experimentais*. Curitiba: CRV, 2015.

MACEDO, R. S. *Pesquisa contrastiva e estudos multicasos*. Da crítica à razão comparativa ao método contrastivo em ciências sociais e educação. Salvador: EDUFBA, 2018.

MESSEDER, S. A. Memórias e cenas narradas sobre a infância e

as relações de gênero na linha da vida da professora universitária e da pesquisadora encarnada. *Revista Periódicus*, Salvador, v.1, n. 9, p. 122-135, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/25717>. Acesso em: 28 maio 2019.

MESSEDER, S. A; NASCIMENTO, C.G. (org.). *Pesquisador(a) Encarnado(a): experimentações e modelagens no saber fazer das ciências*. Salvador: EDUFBA, 2020.

MESSEDER, S. A. A pesquisadora encarnada: uma trajetória decolonial na construção do saber científico blasfêmico. In: HOLLANDA, H. B. (org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020a. p. 14-171.

MESSEDER, S. A. Aliança e compromisso. *Revista Cult*, São Paulo, n. 262, 5 out. 2020b. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/alianca-e-compromisso/>. Acesso em: 3 jan. 2019.

MESSEDER, S. A. Em cena o(a) pesquisador(a): um conceito e/ou um instrumental teórico-metodológico em seu devir ético e estético. In: MESSEDER, S. A; NASCIMENTO, C.G. (orgs.). *Pesquisador(a) Encarnado(a): experimentações e modelagens no saber fazer das ciências*. Salvador: Edufba, 2020b. p.45-70.

NASCIMENTO, C. G. Experimentações, apostas, conexões teóricas e pessoais de um pesquisador encarnado. In: MESSEDER, S. A; NASCIMENTO, C. G. (org.). *Pesquisador(a) encarnado(a): experimentações e modelagens no saber fazer das ciências*. Salvador, EDUFBA, 2020.

NASCIMENTO, C. G. A gestão encarnada do conhecimento científico-acadêmico: cartografias de grupos de pesquisa em gênero, sexualidade e queer. 2021. *Tese* (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento, Universidade federal da Bahia, 2021.

NASCIMENTO, C. G. *A gestão encarnada do conhecimento: grupos de pesquisas em gênero, sexualidade e queer*. Salvador: EDUNEB, 2023.

OLIVEIRA, E. Ancestralidade. In: MESSEDER, S. A.; NASCIMENTO, C. G. (orgs.). *O(A) Pesquisador(a) Encarnado(a): experimentações e modelagens no saber fazer das ciências*. Salvador: Edfuba, 2020b. p. 117-144.

VIDARTE, Paco. *Ética bixa: proclamações libertárias para uma militância LGBT*. Tradução Maria Selenir Nunes dos Santos e Paulo Cardellino Soto. São Paulo: n-1 edições, 2019.